

# A emblemática da Casa de Bragança: usos, significados e reinvenções (séculos XVI- XIX)

Miguel Metelo de Seixas

IEM – NOVA FCSH

Desde a sua criação no século XV, a Casa de Bragança adoptou uma heráldica que procurava manifestar a sua proximidade em relação ao ramo primogénito e legítimo da Casa Real portuguesa. Tal estratégia de aproximação visual viu-se reforçada na transição para o século XVI, quando o duque D. Jaime, declarado herdeiro da Coroa, foi autorizado a usar as armas reais com a diferença competente. Foi este mesmo titular quem assumiu uma empresa, a figura de um nó acompanhado da letra “Depois de Vós”, que se tornaria hereditária na Casa de Bragança. A cultura de corte durante o reinado de D. Manuel I permite avançar no sentido de se compreender o significado original desta empresa brigantina, que vinha realçar a ligação estreita existente entre o monarca e o duque, seu valido. A mesma empresa, de uso continuado ao longo do século XVI, conheceu durante este período uma alteração substancial na sua letra, que passou a ser “Depois de Vós, Nós”, permitindo assim que ela se adaptasse ao papel político que a Casa de Bragança desempenhou nos reinados finais da dinastia de Avis e, depois, durante os tempos da monarquia dual luso-espanhola sob égide da Casa de Habsburgo. No reinado de Filipe IV de Espanha, à medida que o duque João II se assumiu como contrapoder, a empresa do nó viria a ser glosada enquanto signo profético, prova dos direitos da Casa de Bragança ao trono português. Depois da Restauração da independência em 1640, com o advento de D. João IV, a mesma empresa seria usada na guerra de imagens que, no papel e em diversas manifestações plásticas, secundou a guerra que decorreu no terreno até 1668. Neste sentido, revelou-se importante a actuação de João Pinto Ribeiro, homem de confiança de D. João IV, cuja erudição se colocou ao serviço da construção da imagem do monarca: não apenas na escrita de discursos apologéticos em redor do tema do nó, mas também com a construção de uma porta triunfal erguida no centro dos domínios brigantinos, em Vila Viçosa, em que se procurava fundir a empresa ducal com a tradição clássica do nó górdio. Caída em desuso depois da paz assinada com a Espanha em 1668, a empresa brigantina seria recuperada na segunda metade do século XIX, no âmbito dos revivalismos emblemáticos típicos do romantismo. Também neste contexto, a exegese da empresa brigantina focou-se no seu carácter profético, traduzindo, por um lado, a capacidade de adaptação da dinastia reinante ao novo modelo ideológico e institucional da monarquia constitucional; e, por outro, a aliança estabelecida com outra dinastia – a Casa de Sabóia, cuja trajectória secular se apresentava como paralela à da Casa de Bragança – identicamente utilizadora, desde os tempos tardo-medievais, de uma empresa formada por um nó. O duplo nó brigantino-sabaudo aparecia então

como um sinal da capacidade de projecção destas dinastias históricas e do papel que a ambas caberia desempenhar na unificação das respectivas penínsulas.